

“PARA ENSINAR É PRECISO VIVER”: REFLEXÕES SOBRE ENCONTROS FORMATIVOS E A PRÁTICA DOCENTE NO PIBID ALFABETIZAÇÃO¹

Eduardo Braelsen de Castro Almeida¹; Joelma Reis Correia²

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luis - Maranhão, eduardo.braelsen@discente.ufma.br

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Professora Associada – Classe 2, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), jr.correia@ufma.br

1. Introdução

Quando falamos de educação, docência e formação docente, muitas questões são levantadas, dentre elas destacamos as discussões em torno da falta de professores e a consequente diminuição dos quadros. Contexto no qual surge o programa do qual participo, como estudante bolsista, isto é, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, criado em 2007, um espaço que possibilita a iniciação dos alunos de licenciatura no contexto escolar. Porém, mais do que a simples inserção, acredita-se que, a partir do que vivemos no PIBID, desenvolvemos uma atuação pautada na reflexão crítica constante sobre a prática docente. Movimento que se faz essencial no programa como um todo e, especialmente no nosso subprojeto, o PIBID Alfabetização, no qual defendemos uma perspectiva humanizadora no processo de aquisição da linguagem escrita.

Uma concepção de alfabetização oposta à que observamos na escola, pautada pelo método fônico, que, conforme destacado por Miller (2020, p. 12) “limita a aprendizagem da língua a seus aspectos formais, desconectados da real dinâmica que caracteriza a língua viva em suas manifestações objetivas em diversos contextos sociais”. Defendemos, assim como Dagoberto Arena (2019, p. 47) que a “escrita rola na vida”, isto é, que não devemos ignorar que as crianças antes de adentrarem na escola já possuem contato com a linguagem escrita.

Discutimos sobre a alfabetização humanizadora, sobre práticas de ensino que não separam a leitura e escrita, esforço que permitiu nos primeiros meses e, até mesmo hoje, refletirmos sobre a nossa prática docente e a maneira como fomos alfabetizados.

Como muitos outros professores e futuros professores, sejam alfabetizadores ou não, aprendemos a ler (nem sempre compreender) de uma maneira completamente mecânica e descontextualizada. Primeiro, “aprendemos” as letras, depois que esse conjunto de letras formam o que entendemos como alfabeto, por último, somos “ensinados” que quando “juntos” esses caracteres formam sílabas e depois formam palavras, sequência que muitas vezes não é entendida pela criança. Por conta disso, seguimos com a defesa de um propósito desde o título, de que “para ensinar é preciso viver”, especialmente nós, professores e futuros professores, que experienciamos um processo de alfabetização considerado tradicional.

¹ Trabalho derivado das atividades desenvolvidas no âmbito do PIBID Alfabetização (UFMA/CAPES), edição 2024-2026

Partindo de uma concepção de alfabetização que visa a humanização dos alunos, apontamos que é necessário que o docente também passe pelas mesmas vivências. Neste trabalho, busca-se demonstrar como, apoiados em uma concepção de homologia dos processos, os encontros formativos contribuíram para a formação docente dos estudantes que integram o PIBID Alfabetização.

2. Metodologia

O presente trabalho surge do processo de organização e reflexão crítica sobre os registros realizados durante o subprojeto PIBID Alfabetização, nos meses de Janeiro à Outubro de 2025. Portanto, o que apresentamos não é apenas uma mera descrição do que vivemos em todos os encontros formativos. O que buscamos não é enumerar, tampouco criar uma lista de procedimentos que julgamos serem essenciais para a formação de professores.

O nosso trabalho trata-se de uma análise qualitativa sobre os encontros formativos, buscando demonstrar o quanto estes contribuíram para a formação de novos docentes nesse curto espaço de tempo, nos tornando capazes de refletir durante a nossa própria ação, entendendo que se não vivemos, não temos como dimensionar o impacto de nossas práticas na formação de crianças que estão em processo de alfabetização.

3. Resultados e discussões

Nesta seção do trabalho iremos discutir como os encontros formativos, realizados na última semana de cada mês, possibilitaram que nós, estudantes bolsistas e coordenadora de área, vivêssemos experiências que contribuíram para a formação docente e construção de uma prática reflexiva.

Em um processo que parte do nosso entendimento de que, assim como Paulo Freire (1996) argumenta, somos seres inacabados, ou seja, estamos em constante processo de formação e reformação, que revelam a nossa vontade de ser mais, de melhorar enquanto seres sociais e históricos que somos. Isso pôde ser percebido por meio do engajamento dos estudantes bolsistas nas atividades propostas pela coordenadora de área.

Desde o primeiro encontro, fomos convidados a estabelecer relações entre o que vivemos e o que buscamos proporcionar para as crianças, por meio de momentos caracterizados pela fala e escuta. O que evidencia a nossa visão de alfabetização, que defende que o ensino da leitura e escrita deve dar-se de forma dialógica, assim como enfatizado por Paulo Freire (1996), haja vista que ler e escrever são atos humanos, o que demarca a nossa postura teórica e política.

Uma defesa que, como o próprio título do trabalho coloca, deve partir da vivência, de uma prática que primeiro experimenta para refletir, pensando de maneira crítica durante todo o nosso processo enquanto membros desse subprojeto. A primeira proposta foi a de nos apresentarmos, falarmos sobre o nosso processo de alfabetização, que difere enormemente do que entendemos como alfabetização humanizadora.





Poema “Espelhos”, de Alluah Bianchi
Fonte: Acervo Pessoal PIBID

Reflexão pautada pela leitura do poema “Espelhos” de Alluah Bianchi, realizada no primeiro encontro formativo, no dia 7 de Janeiro de 2025. A partir desse poema fomos convidados a pensar em como durante a alfabetização tradicional, muitas vezes não tínhamos espaço para pensar sobre o nosso “Eu”, em quem somos, por que somos, ou seja, na nossa própria formação enquanto sujeitos. Algo que, infelizmente, ainda acontece muito nas escolas que compõem o sistema educacional, em que os alunos muitas vezes são treinados para decodificar, para responder testes e, com isso, conseguir bons resultados, que não se refletem na apropriação da língua.

Ao refletirmos sobre o nosso “eu”, entendemos que, para dar conta do que entendemos como alfabetização enquanto prática humanizadora, é importante entender a importância dos sujeitos, oportunizando aos alunos vivências que sejam, sobretudo, democráticas. O que vai em direção ao que vivenciamos nos encontros formativos com as Assembleias, pautadas pelas técnicas de Célestin Freinet, com a utilização do Jornal Mural, em que os pibidianos expressam as suas opiniões de três maneiras, sendo elas: “Eu felicito”, “eu proponho” e “eu elogio”.



Momento da Assembleia
Fonte: Acervo Pessoal PIBID

Técnica que propiciou a oportunidade de viver o que entendemos como uma vivência democrática, algo que defendemos como essencial durante toda a prática pedagógica, pois assim como foi garantido para cada bolsista, deve ser dada às crianças o direito de se expressar, de dizer sobre aquilo que vivencia na escola, sobre o que as motiva, desmotiva, o que contribui e o que gostariam de estar vivendo no espaço escolar, no qual passam muitas horas. Necessidade que foi percebida pelos pibidianos por meio dessa prática, que demonstra que o espaço de sala de aula deve ser democrático.

Durante as nossas reuniões, destacamos outras práticas que exemplificam a nossa percepção de que para que a criança diga a sua palavra, isto é, aprenda a ler e escrever, é necessário que haja a criação da necessidade de leitura e escrita, sendo exemplo disso, a realização da técnica do Livro da Vida, também de Celéstin Freinet, que consiste em uma forma de expressão sobre os nossos encontros, sobre o que tínhamos a dizer.





Livro da Vida do PIBID Alfabetização
Fonte: Acervo PIBID

Outra experiência vivida no contexto dos encontros formativos foi a “Descoberta do texto”, desenvolvida por Bajard (2012), criada com o intuito de possibilitar que as crianças, em processo de alfabetização, tivessem contato com textos verdadeiros, instigando a curiosidade e criando a necessidade de ler, de compreender os textos reais que eram apresentados. Levando em conta, o fato de que os membros do PIBID Alfabetização já são graduandos, as descobertas realizadas eram adaptadas de acordo com a capacidade dos pibidianos que ali estavam.

Com esse procedimento, o que buscava-se era que todos nós, que estávamos presentes nos encontros formativos, tivéssemos a oportunidade de interagir com o texto, ler em silêncio, sublinhar as palavras conhecidas, fazer suposições sobre os significados, apropriando-nos do texto sobre o qual agimos. Um exemplo claro disso foi a descoberta realizada de “Fazedor de Amanhecer” de Manoel de Barros, que continha palavras novas, inventadas, que tinham algo a dizer e que com isso nos instigava. Momento que foi seguido de atividades de “Retorno ao texto”, em que exploramos o texto por meio da utilização da “Caixa de Caracteres”, recurso criado pelo Núcleo de Alfabetização Humanizadora - NAHum, que permite interagir diretamente com os caracteres que formam a linguagem escrita, formando palavras, frases, encontrando palavras dentro de palavras, e assim por diante.



Caixa de Caracteres
Fonte: Acervo PIBID

Além dessas atividades que possibilitaram enriquecer a formação dos estudantes bolsistas, houveram outras oportunidades, como por exemplo, as Acolhidas Literárias, que permitiram, por meio da proferição dos livros, realizadas pela professora coordenadora do subprojeto ou pibidianos, o estabelecimento de uma nova relação com a leitura, pautada pela vontade de conversar, de entender, de apreciar o texto literário em toda a sua sensibilidade. E, não menos importante, durante os encontros formativos aprendemos sobre a necessidade de refletir, documentar e como diferentes recursos, estratégias, dentre elas as instalações literárias,



contribuem para a nossa formação e para o ensino-aprendizagem de crianças, entendendo que ao ensinar também aprendemos, e quando aprendemos também ensinamos.

4. Conclusões

A partir de nossas vivências dos encontros formativos, por meio da reflexão sobre a prática pedagógica, buscamos neste trabalho demonstrar como é essencial a formação de futuros profissionais da educação, que não estejam alheios ao que pretendem ensinar, pois se o nosso objetivo, enquanto profissionais da educação, é contribuir para a construção de um processo educacional que seja, de fato, emancipatório, é indispensável que “lancemos mão” de práticas que estejam alinhadas ao que acreditamos. Não basta apenas “aplicar”, como dizem alguns educadores, tarefas que simulam atividades, mas que, na verdade, estão isentas de sentido. É necessário que o futuro professor se aproprie de todos esses processos, vivendo uma docência que não seja repetitiva, mecânica, mas que crie, sendo este alfabetizador, a necessidade de ler e escrever.

A aquisição da linguagem escrita deve partir de uma prática reflexiva, de professores que busquem entender os processos que vivenciam todos os dias em sala de aula. Qualquer atividade que seja abstrata demais falha em provocar a curiosidade dos estudantes que ainda estão em alfabetização. É preciso que, assim como o aluno, o professor viva cada uma das atividades propostas em sala de aula, afinal, enfatizamos que não é possível ensinar se não vivemos o que propomos.

5. Palavras-chave: Homologia; Vivências; Alfabetização Humanizadora.

6. Referências bibliográficas

ARENA, Dagoberto. **Alfabetização e letramento: novas perspectivas para a prática escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

BAJARD, Élie. **A descoberta da língua escrita**. São Paulo: Cortez, 2012. 128

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MILLER, Stela. O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo humanizador. **Educação em Análise**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 7–30, 2020. DOI: 10.5433/1984-7939.2020v5n1p7. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/40185>. Acesso em: 5 out. 2025.

